



< PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES NO CONTEXTO DA RESIDÊNCIA MULTIPROFISSIONAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA >

Crisian Rafaele Morais de Souza¹

Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso – HUPAA/UFAL

crisrafamsouza@gmail.com

Claudia Mendes da Silva²

Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso – HUPAA/UFAL

claudiamendescm@hotmail.com

Eliza Mariana de Moura³

Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso – HUPAA/UFAL

moura.lizaa@gmail.com

Nayara Gomes Graciliano⁴

Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso – HUPAA/UFAL

nayaragraciliano@hotmail.com

Gerusa Gonçalves de Lemos⁵

Hospital Universitário Professor Alberto Antunes

ggolcanves@hotmail.com

Tipo de Apresentação: Pôster

Resumo: O presente relato tem como objetivo de desenhar a experiência vivenciada pela equipe da Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso ao participar de atividades de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde desenvolvidas no Centro Alta Complexidade em Oncologia - CACON do Hospital Universitário Professor Alberto Antunes - HUPAA. Em suma, como resultados da experiência, foi possível identificar que as Práticas Integrativas e Complementares ao buscarem pela integralidade de atenção à saúde possibilitam aos pacientes um cuidado mais amplo e integral contribuindo para a conquista de melhores resultados no que se refere ao processo saúde-doença.

Palavras-chave: Equipe multiprofissional, Integralidade, Práticas integrativas e complementares, Oncologia.



1. Introdução

O câncer representa uma importante causa de morbimortalidade no mundo e especialmente no Brasil, constituindo-se em um grave problema de saúde pública. As medidas referentes ao tratamento do câncer que empregam métodos eficazes para o seu combate, incluem a cirurgia, a radioterapia e a quimioterapia, no entanto, tais métodos são extremamente agressivos ao organismo e trazem consigo diversos efeitos colaterais (PEREIRA et al., 2014).

Dentre os objetivos que se deseja alcançar com os tratamentos possíveis e disponíveis na atualidade, destaca-se a cura e/ou controle da doença, o aumento da sobrevida e a diminuição dos sintomas relacionados ao avanço da patologia ou ao emprego das medidas terapêuticas (PEREIRA et al., 2014). De acordo com Lima et al. (2015), a utilização das terapias integrativas e complementares podem ser utilizadas na terapêutica oncológica como um recurso positivo, pois a literatura aponta que há significativa melhora na qualidade de vida e diminuição do estresse causado pela doença e tratamento.

Em 2006, foi lançada a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde, como resultado de um movimento que se identifica com novos modos de aprender e praticar a saúde, já que essas práticas particularizam-se pela interdisciplinaridade e por linguagens singulares (TELESI-JUNIOR, 2016).

Conhecida como medicina integrativa, onde não se coloca mais a doença como o principal foco de atenção, mas sim o paciente em sua totalidade, as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) refletem a busca pela integralidade em saúde, visto a perspectiva do cuidado holístico que adotam (TELESI-JUNIOR, 2016).

Diante do exposto e entendendo a importância dessa temática na atualidade, o Centro de Alta Complexidade em Oncologia (CACON), um dos cenários de prática da Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), situado no Hospital Universitário Professor Alberto Antunes (HUPAA) tem desenvolvido atividades de Práticas Integrativas com os usuários em acompanhamento. Sendo assim, a partir das vivências neste cenário, surge a seguinte pergunta norteadora: “Quais as contribuições das Práticas Integrativas no cuidado ao usuário com Câncer?”. Nessa perspectiva este trabalho objetiva relatar a experiência vivenciada pela equipe de residentes



multiprofissionais ao participar de atividades de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde desenvolvidas no CACON/HUPAA.

2. Referencial Teórico

A partir de várias conferências nacionais de saúde e recomendações da Organização Mundial da Saúde surgiu a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. O processo teve início em 2003, quando foi instituído um grupo de trabalho para a elaboração da política. Em fevereiro de 2006 o documento final foi aprovado por unanimidade pelo Conselho Nacional de Saúde, consolidando, assim, a PNPIC no SUS, publicada na forma de portarias ministeriais nº 971, de 3 de maio de 2006, e nº 1.600, de 17 de julho de 2006 (TELESI-JUNIOR, 2016).

As Práticas Integrativas e Complementares trazem a proposta de cuidado integral. De acordo com Negri Filho e Kummer (2004), a emergência das práticas alternativas reflete a busca pela integralidade em saúde.

A PNPIC é um avanço, e pode ser entendida como resultado de um movimento que se identifica com novos modos de aprender e praticar a saúde, visto que essas práticas caracterizam-se pela interdisciplinaridade e por linguagens singulares, próprias, que em geral se contrapõem à visão altamente tecnológica de saúde que impera na sociedade, cujo objetivo é gerar lucro e fragmentar o tratamento do paciente em especialidades que não dão conta da totalidade do ser humano, em busca de medicamentos para seus males (TELESI-JUNIOR, 2016).

Quanto a abordagem dessas práticas em pacientes com câncer Spadacio e Barros , em um estudo de revisão apontaram que a utilização das mesmas tem uma direção sociocultural importante na criação da identidade do paciente com câncer, inclusive auxiliando-o nas tomadas de decisão quanto ao próprio tratamento convencional. Ressalta ainda que as PICs não devem ser desconsideradas pelos serviços de saúde.

3. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência vivenciado por uma equipe de residentes do Programa de Residência Multiprofissional em Saúde do Adulto e do Idoso, formada por assistente social, enfermeira, farmacêutica e nutricionista, alocadas no CACON do HUPAA,



que é um centro de referência em oncologia no estado de Alagoas e tem por objetivo disponibilizar serviços em prevenção, diagnóstico e tratamento do câncer. A experiência é fruto da participação da equipe nas atividades desenvolvidas no setor durante os meses de junho a agosto de 2017.

As PICs realizadas no CACON foram implantadas a partir da iniciativa de estagiárias de serviço social sob supervisão da assistente social do setor. Para a realização das atividades foi firmada uma parceria com a Sala de Cuidados Antônio Piranema do Núcleo de Saúde Pública (Nusp), da Faculdade de Medicina (Famed) da Ufal. Foram desenvolvidas na sala de quimioterapia e na recepção do CACON/HUPAA. Seu público-alvo é constituído por usuários em tratamento, acompanhantes e profissionais. No período citado foram ofertadas práticas de: Reiki; Dança, Catatonia, Cura reconectiva e Dança circular.

As atividades ocorriam através do convite aos pacientes, acompanhantes e funcionários. Esse convite era feito individualmente pelos residentes e também através da equipe da sala de cuidados com a exposição das práticas que seriam desenvolvidas. Tirando as possíveis dúvidas dos usuários, num processo de diálogo e troca de conhecimentos, estimulando a participação ativa dos envolvidos. Posteriormente era realizada a dança circular e em seguida, após a participação dos interessados na dança, o espaço ficava aberto para a realização das outras práticas, como o reiki e a cura reconectiva.

4. Resultados e Discussões

De acordo com a literatura o desenvolvimento das práticas integrativas compreende abordagens que pretendem incentivar os mecanismos naturais de prevenção de agravos e recuperação da saúde mediante um processo de escuta acolhedora, de vínculo terapêutico e integração do ser humano com o meio ambiente e a sociedade. Ademais, procura-se reconhecer o processo saúde-doença através de uma visão ampliada e da promoção do cuidado humano, especialmente do autocuidado.

Considerando o indivíduo como um todo e não meramente um conjunto de partes isoladas diversas são as práticas integrativas e complementares que podem ser utilizadas para fazer com que o tratamento quimioterápico seja menos desagradável. Visto isto, por meio da participação da equipe multiprofissional e supervisão da assistente social do CACON, nos



foi possível reconhecer que a participação dos pacientes durante a realização das práticas possibilita um cuidado mais amplo e integral, contribuindo para a conquista de melhores resultados no que se refere ao processo saúde-doença.

Observamos ainda, conforme Jaconodino, Amestoy e Thofehr que parte dos pacientes adotam às terapias alternativas como cuidado complementar combinado ao tratamento para o câncer, por compreenderem que o tratamento não convencional fundamenta-se em diminuir o sofrimento causado pelos efeitos colaterais e também para preencher lacunas que se originam da desestruturação psicológica.

5. Considerações finais

Considerando a forma pela qual as atividades eram desenvolvidas percebemos que foi crescente a participação dos pacientes durante a realização das PICs. Por uma questão de identificação com a metodologia de cuidado humanizada e que por vezes não são encontradas nos métodos predominantes entre nós.

As Práticas Integrativas e Complementares caminham aliadas aos princípios do Sistema Único de Saúde e mostram que é possível implementar outras práticas de saúde, com novas formas de aprender, praticar e cuidar da saúde, de si e dos outros. Por meio de uma proposta alternativa, inovadora e eficaz de terapia, que visa a coparticipação, a integralidade e a humanização da assistência.

REFERÊNCIAS

Jacodino CB, Amestoy SC, Thofern MB. A Utilização de terapias alternativas por pacientes em tratamento quimioterápico. *Cogitare enferm* [Internet]. 2008 [cited 2014 Aug 01];13(1):61-6. Available from: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/cogitare/article/view/11953/8434>

LIMA, J.F.; CEOLIN, S.; PINTO, B.K.; ZILMMER, J.G.V. et al. Uso de terapias integrativas e complementares por pacientes em quimioterapia. *Av Enferm*: 33 (3), 372-380, 2015.

Ministério da Saúde (Br). Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS. Brasília (DF): Ministério da Saúde, 2006



NEGRI FILHO, A. A.; KUMMER, S. C. A medicina tradicional e as práticas alternativas de saúde. In: DUNCAN, B. B. et al. (Org.). Medicina ambulatorial: condutas de atenção primária baseadas em evidências. Porto Alegre: ArtMed, p. 72-76, 2004.

PEREIRA, R.D.M.; SILVA, W.W.O.; RAMOS, J.C.; ALVIM, N.A.T. et al. Práticas integrativas e complementares de saúde: revisão integrativa sobre medidas não farmacológicas à dor oncológica. Rev enferm UFPE on line: 9 (2), 710-7, 2014.

Spadacio C, Barros NF. Uso de Medicinas Alternativas e Complementares por Pacientes com Câncer: Revisão Sistemática. Rev. Saúde Pública. 2008;42(1): 158-64

TELESI JUNIOR, E. Práticas integrativas e complementares em saúde, uma nova eficácia para o SUS. Estudos Avançados, São Paulo, v. 30, n. 86, p. 99-112, abr. 2016.